# A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR COM A CULTURA AFRICANA E AFRO BRASILEIRA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Karina da Silva Reis – Universidade Estadual de Londrina karinareis2310@gmail.com.br; Tatiana de Freitas Silva – Universidade Estadual de Londrina taty_freitas09@hotmail.com; Adriana Regina de Jesus Santos – Universidade Estadual de Londrina adrianatecnologia@yahoo.com.br; Aline Cristina Bandeira de Oliveira – Universidade Estadual de Londrina cris1996oliveira@gmail.com

**Eixo 1**: Educação e infância

**Resumo**
Este trabalho é o relato de experiências ocorridas durante as intervenções por meio do programa de residência pedagógica do curso de Pedagogia da UEL. A temática trabalhada foi sobre a cultura africana e afro-brasileira voltada ao trabalho com crianças de 2 a 3 anos em uma instituição de educação infantil na cidade de Londrina. Os assuntos abordados neste trabalho foram lendas africanas e símbolos de resistência do povo africano e afro brasileiro representados pela boneca Abayomi e pelo uso de turbantes. Por meio das atividades realizadas as crianças tiveram contato com diversos elementos importantes da cultura africana, compreendendo suas particularidades e as riquezas presentes na cultura. As intervenções realizadas são justificadas pela necessidade de refletir e atuar ativamente na luta contra os preconceitos e discriminação existentes em nossa sociedade. Buscou-se proporcionar às crianças experiências significativas a respeito da temática, considerando que o ensino da cultura africana é essencial para a formação do cidadão, para sua compreensão de mundo e para as relações sociais, entretanto essa área de conhecimento deve ser tratada continuamente, tendo como princípio a valorização das diferenças como aspecto essencial para a formação humana.

**Palavras-chave**: educação infantil; cultura africana; residência pedagógica.

## Introdução

Alguns estudiosos, como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo, entre outros, se atentaram às peculiaridades culturais brasileiras e desempenharam um papel importante na sua definição e compreensão. De acordo com Ribeiro, (1995) o Brasil foi formado durante o choque entre o invasor português, os indígenas que já viviam em nossas terras e os negros africanos, trazidos ao nosso país sob a condição de escravos. No entanto a predominância da cultura lusitana na formação de nossa sociedade foi bastante

acentuada em relação às outras culturas, e esse movimento deixou marcas drásticas para estes grupos, como por exemplo, a marginalização.

Ainda que a cultura indígena e a dos escravos africanos tenham influenciado de algumas formas a nossa sociedade, a cultura lusitana dominou sozinho o campo da educação e cultura nacional, como se fosse a única importante para tal. Por conta disso, apesar de ser uma nação de várias raças e etnias, com uma vasta diversidade cultural, a escola ainda não reconhece todas essas diferenças e não sabe lidar com elas. Consequentemente, os alunos advindos destes grupos ainda marginalizados, e de estratos sociais mais pobres, são os que enfrentam mais dificuldade de permanecer na escola. De acordo com Fernandes (2005):

> Os dados revelam que a criança negra apresenta índices de evasão e repetência maiores do que os apresentados pelas brancas [...]os afrodescendentes representam 45,3% da população brasileira. No entanto, as estatísticas educacionais revelam a desigualdade de oportunidade no que diz respeito ao acesso e permanência de negros e brancos no contexto do sistema público de ensino. Por exemplo, enquanto o analfabetismo atinge cerca de 8,3% de brancos, 20% de negros são analfabetos. Apenas 2% de jovens negros têm acesso ao ensino superior, contra 98% de brancos.

O autor ainda indica que o principal motivo de evasão escolar pode ser a falta de representatividade na história, na literatura, e a falta de debate sobre o tema. Quando estes grupos são de fato representados, geralmente são ilustrados de forma folclorizada e pitoresca, diferentemente dos “desbravadores e heróis” portugueses.

Após cerca de 500 anos convivendo com essa discrepância cultural, algumas medidas importantes foram tomadas nos últimos anos e podem reduzir a discriminação racial e o preconceito em nosso país, valorizando a diversidade étnico-cultural a inserção de temáticas e conteúdos programáticos sobre a história da África e do negro em nosso país. Após uma série de manifestações do movimento negro, nacionais e internacionais, surgiram uma série de medidas legislativas que tornam obrigatório o ensino da história africana. Entre elas a Lei de diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) (art. 26, § 4º), que determinou que o ensino devesse levar em conta a contribuições das diferentes etnias para a formação do povo brasileiro, em especial dos indígenas, dos africanos e dos europeus.

Outra importante iniciativa foi a do Ministério da Educação (MEC), tratando como uma emergência o ensino de temas sociais relevantes, tais como a diversidade racial, adicionando o tema aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, uma vez que o ensino dessa temática é fundamental para a compreensão da nossa sociedade atual.

> Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se vêem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação (FERNANDES, 2005).

Por fim, o ensino da cultura africana é essencial para a formação do cidadão, para sua compreensão de mundo e para as relações sociais. A temática deve ser tratada continuamente, valorizando as diferenças desde a educação infantil.

O objetivo deste trabalho é relatar as atividades realizadas durante a residência pedagógica do curso de Pedagogia da UEL que foram pensadas e aplicadas para crianças de 2 a 3 anos, elas tiveram como intuito proporcionar às crianças a compreensão da cultura e história Afro – brasileira e africana, a fim de que as crianças pudessem perceber a importância da representatividade negra no contexto brasileiro. Considerando que o Brasil é um país formado pelas culturas Indígena, Africana e Europeia, consideramos crucial trabalhar essas culturas com as crianças desde a educação infantil.

## Metodologia

Para elucidar como ocorreu o trabalho com as crianças de 2 a 3 anos, vamos trazer uma amostra com 3 atividades aplicadas na escola de educação infantil a cerca da temática Cultura africana. Para isso preparamos uma atividade que trouxesse um conto africano, uma atividade sobre as bonecas Abayomi e por fim uma atividade a respeito dos turbantes.

Para a primeira atividade procuramos um livro que trouxesse lendas e contos africanos. O livro escolhido foi o “Contos africanos: assim vivem os homens”, da editora da UFPR, ele traz um série de lendas africanas e algumas curiosidade sobre os povos de onde teriam surgido tais lendas. O Conto escolhido foi “A história

das Historias", o conto em questão, ocorre com um grupo étnico de Gana, os Ashanti, a historia de um africano que subiu até o céu para comprar as histórias do Deus do Céu, pois ele era o único dono de todas as histórias do mundo. Deus pediu ao homem algo que achava que ele não conseguiria, pediu que capturasse o Leopardo mais feroz, a grande serpente, os marimbondos que picam feito fogo e a fada que nunca ninguém viu. O homem então sai em busca das recompensas para entregar ao Deus do céu e usando sua esperteza ele consegue capturar todos eles e leva ao Deus do céu que dá a ele todas as histórias que ele possuía. O homem então chega na terra e começa a contar as histórias que passam a ser das outras pessoas ao mesmo tempo em permanece também com ele.

Antes de iniciar a história falamos sobre a existência de vários grupos étnicos por toda a África, explicamos que cada um possui sua cultura e peculiaridade. Os Ashanti são um grupo de Gana, localizado na África Ocidental, é um povo de tradição militarista e Matrilinear. O tesouro mais importante para os Ashanti é o trono de ouro, objeto sagrado para eles, seria o trono em que sentaram os maiores reis, tornou-se símbolo deste grupo étnico e é escondido pelo rei, os sacerdotes e alguns conselheiros, demonstrada para o povo só em épocas especiais.

Essa lenda africana foi passada de geração em geração por muito tempo pelos Ashanti e acredita-se que ela tenha se espalhado para outros povoados africanos, ela tinha a intenção de explicar de onde surgiram as histórias.

Para a segunda atividade, buscamos apoio e parceria com o Núcleo de Estudos Afro Brasileiro (NEAB) da Universidade Estadual de Londrina. Para isso convidamos uma militante do movimento negro e integrante do NEAB que trabalha com a História Afro-brasileira e ministra diversas oficinas da boneca Abayomi. A boneca que é um símbolo de proteção para aqueles que são presenteados com ela tem um significado importante para o movimento negro. Para a realização da atividade, todo o processo de planejamento foi realizado juntamente a um membro do NEAB, deles recebemos toda a orientação, material de pesquisa e até mesmo o material para a confecção das bonecas.

A oficina teve inicio com a Contação da história do surgimento da boneca Abayomi, em seguida nossa visitante conversou com as crianças sobre a importância e o significado da boneca para a cultura deles. Após essa etapa iniciamos a construção das bonecas com o auxílio das professoras regentes e por fim fizemos uma exposição das bonecas construídas pelas crianças para a turma.

A terceira atividade foi sobre o uso de turbantes, ela teve início com uma roda de conversa, nela usamos algumas bonecas Abayomi que havíamos construído alguns dias antes para analisarmos a forma como elas se vestiam. Logo iniciei a demonstração de uma série de imagens de mulheres negras com turbantes e em seguidas mostrei dois vídeos, uma reportagem curta que falava de meninas que estavam assumindo os seus cabelos crespos e estavam conhecendo como usar os turbantes em uma oficina de turbantes. O outro vídeo foi de uma mulher africana explicando o que era turbante e o significado dele para elas e as várias formas como ele é chamado em diversas partes da África.

Ainda em roda, conversamos sobre o turbante possuir um significado valioso, de resistência, além de ser um acessório que para elas representa a beleza da mulher negra, como se o turbante fosse a coroa da mulher africana que para as mulheres africanas o turbante. Além do mais, para as religiões afras brasileiras o uso do turbante representa o amor aos orixás, portanto é um elemento sagrado de sua religião que não deve ser comercializado como um mero acessório, pois isso proporciona um esvaziamento de sua cultura.

No fim da nossa conversa, convidamos uma das professoras de outra turma para mostrar para as crianças o turbante que ela estava usando e levou diversos tipos de turbantes que nós colocamos em cada criança.

## Resultados e Discussão

Consideramos que as três atividades foram indispensáveis para que as crianças pudesse ter conhecimento sobre alguns elementos da cultura africana, ainda que de maneira sucinta.

Durante a primeira atividade, sobre a Contação de história, as crianças ficaram intrigadas com a forma que o conto explicava sobre o surgimento das histórias de acordo com a cultura Ashanti. Durante a história, a crianças buscaram imitar os animais que iam aparecendo. Enquanto algumas prestavam atenção fixamente na história, outros começaram a dispersar, nestes momentos ou tentava chamar atenção e fazer algumas perguntas sobre a história como: “será que ele vai conseguir capturar as recompensas”? Ainda que com algumas distrações, as crianças permaneceram na roda até o fim da história. O conto foi importantíssimo para que as crianças pudessem se aproximar da cultura africana, assim como também auxiliou na

compreensão dos grupos étnicos presentes na África, entendendo que se trata de culturas e maneiras diferentes de compreender o mundo.

A segunda atividade foi uma oficina voltada para a boneca Abayomi, nela as crianças aprenderam história da boneca Abayomi tiveram a oportunidade de construírem suas próprias bonecas. Ainda que as crianças não conseguissem dar os nós sozinhos elas participaram do processo de construção da boneca. Além disso, elas compreenderam que a boneca era feita a partir das roupas das mães e entregue aos seus filhos nos navios negreiros, com o intuito de que isso as consolasse, protegesse e ainda fosse a lembrança de sua terra e sua cultura, portanto era um objeto repleto de afetividade e significado.

Muitas crianças perguntaram por que as bonecas não possuem nariz, nem olhos, respondemos que a boneca representa todos os tipos de povos africanos, por isso não marca seus traços, mas seu tom de pele e vestimenta.

Outro ponto importante sobre a oficina foi o contato das crianças com um membro do movimento negro, elas ficaram encantadas como nossa convidada se vestia, com seu cabelo cheio de trancinhas azuis e o turbante que ela usava em seu cabelo, no fim da oficina as crianças retribuíram a visita com muitos abraços em nossa convidada.

A atividade do turbante foi elaborada devido às perguntas que foram surgindo a respeitos dos “lenços” que as mulheres de otigem africana usavam em seus cabelos. Percebemos o interesse e a importância de pesquisar sobre o turbante. Depois de ter acesso aos artigos cedidos pelo NEAB e entrevistar a nossa convidada que nos ajudou na atividade da boneca Abayomi, elaboramos a atividade do turbante. Ela se iniciou com as seguintes perguntas: O que será que é esse lenço na cabeça das mulheres negras? Vocês sabiam que muitas mulheres afro brasileiras e africanas usam estes acessórios? Qual será o significado deles?

Aos poucos as crianças foram compreendendo o que era o turbante e começaram a se interessar mais. Havíamos levado apenas um turbante para que as crianças pegassem na mão, colocasse na cabeça se tivessem vontade, no entanto o interesse das crianças foi tamanho a ponto de perceberem que a professora da sala ao lado estava usando um turbante. Ao convidarmos para ela ir até a nossa sala mostrar seu turbante, ela levou uma série de turbantes que havia em sua sala. Havia turbantes grandes, que ocupavam a cabeça toda e turbantes pequenos, parecidos com tiaras. Todas as crianças participaram e faziam questão de colocar os turbantes

para se olharem no espelho. Em outras aulas quando as professoras perguntaram o que as mulheres negras costumam usar em sua cabeça eles responderam: Elas usam turbante!

## Conclusões

O Brasil, como um país que possui uma grande parcela de sua população composta por pessoas negras e pardas, ainda permanece com o preconceito estrutural de forma muito intensa. A escola, que infelizmente ainda é muito guiada pela cultura lusitana, possui um novo compromisso de se renovar de modo a abranger todas as culturas presentes em nosso país e trabalhar com a diversidade como um elemento enriquecedor.

Dessa forma a luta para o fim do racismo começa na escola, e uma das ações possíveis é por meio do ensino da cultura e história africana, e entendemos que deve iniciar na educação infantil, pois o ensino exclusivo da cultura lusitana nas escolas provoca a inferiorizarão das demais culturas, de modo que os alunos provenientes desses grupos possuam o sentimento de não pertencimento por não se sentir representados, que por sinal é um dos maiores motivos de evasão e fracasso escolar.

Adaptar essa temática para o ensino de crianças de 2 e 3 anos foi um grande desafio, tendo em vista que não tivemos um aprofundamento teórico e metodológico dessa área do conhecimento durante nosso processo de formação no Curso de Pedagogia. Ainda assim o esforço foi gratificante ao perceber o quanto esse trabalho voltado a cultura e a história africana proporcionou as crianças construírem formação de conceitos acerca da identidade e da diversidade cultural, tendo como principio norteador a formação humana como algo imprescindível para o convívio em sociedade.

## Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** *Cad. Cedes, Campinas*, 2005, 25.67: 378-388.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 20.

ROSATO, Márcia Cristina at. al. **Contos Africanos** – Assim Vivem os Homens Vol. 2. Editora UFPR. 2013.